

AS MANIFESTAÇÕES DO POSITIVISMO E DO LIBERALISMO NO PENSAMENTO EDUCACIONAL DA IMPRENSA DE UBEBERABINHA-MG (1907- 1942)

Carlos Henrique de Carvalho (UFU)

A idéia de realizar uma pesquisa dessa natureza partiu do contato que mantivemos com os artigos dos jornais durante o processo de desenvolvimento da Catalogação das Fontes Primárias e Secundárias de Interesse para a História da Educação na Região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, desde de meados de 1994¹. Assim, julgamos extremamente importante dar continuidade a esse trabalho, pois ele vem corroborar para a recuperar e preencher lacunas profundas, no que tange à memória da História da Educação brasileira, porque sem a preservação dessa memória não há possibilidade de rastrear os sinais e as pegadas que o pensamento educacional brasileiro trilhou neste século, em especial na cidade de Uberlândia. Por outro lado, esse estudo nos possibilitou a abertura de novos horizontes, em relação à educação, haja visto a relevância dessa área de conhecimento para o entendimento das relações que se estabelece no âmbito social e, em particular, no espaço escolar.

Além do mais, esperamos que esse estudo possa servir de balizamento para outras pesquisas, já que a História da Educação no Brasil começou a ser escrita recentemente, como afirma Evaldo Vieira: “A qualquer educador, a História da Educação terá condições de oferecer o retrato global de ensino, as relações entre este e as classe sociais. Ofertará enfim, as determinações históricas de qualquer disciplina.”²

Realmente, a necessidade do conhecimento do passado da educação Brasileira é incontestável. Entretanto, é consenso entre os especialistas que esta área ainda está necessitando de maiores estudos. Um conhecido historiador diz que “a história da Educação no Brasil ainda não foi escrita. Os estudos publicados sobre a evolução geral do ensino em seus vários graus carecem de pesquisa, desconhecem as fontes.”³ Outra especialista, ao fazer uma análise da

¹ Projeto de Pesquisa financiado pelo CNPq, sob a coordenação dos professores: Carlos Henrique de Carvalho (Doutorando em História pela USP), Dr. Décio Gatti Júnior, Dr. Geraldo Inácio Filho, Dr. José Carlos Souza Araújo, Ms. Sandra Cristina Fagundes Lima, Dr. Vera Lúcia Abrão Borges e Dr. Wenceslau Gonçalves Neto.

²VIERA, Evaldo. *Por uma história da educação que esteja presente no trabalho educativo. Educação e Sociedade* São Paulo: Cortez. Ano IV set/1982, 112.

³RODRIGUES, José Honório. *Teoria da história no Brasil*. São Paulo, Nacional, 1969, p.19.

produção historiográfica sobre o assunto no Brasil, concluiu que: “As obras que tratam extensivamente e em perspectiva evolucionista a educação brasileira⁴, do período colonial até o republicano, são poucas.”⁵

Se os estudos a respeito da História da Educação no Brasil ainda são considerados incipientes, no caso especial da Região do Triângulo Mineiro, esta carência de pesquisa é mais acentuada, praticamente não havia publicações específicas sobre a problemática educacional da região, até meados dos anos 90. Esta lacuna é sentida nos cursos de formação de professores, tanto pelos alunos como também pelo corpo docente; impondo-se, assim, a urgente necessidade de se (re)escrever esta história.

Além do mais, esse período da história brasileira foi marcado por profundas transformações em todos os setores da vida nacional: na política, na economia, na vida cultural, na vida social e também no campo educacional.⁶ É neste cenário em metamorfose que se observa a preocupação da imprensa uberlandense em divulgar as novas idéias ligadas ao campo educacional, como forma de consolidar na cidade a escolarização pública, calcada no ideário escolonovista.

A utilização da imprensa, como objeto de análise, em muito enriquece a observação histórica, principalmente no que concerne à educação, normalmente a imprensa é utilizada apenas como um recurso complementar, porém nos últimos anos vem contribuindo, sobremaneira para novos estudos ligados ao campo educacional.

Nesta perspectiva, entendemos que a imprensa, ligada à educação, se constitui em um “corpus documental” de inúmeras dimensões, pois se consolida como testemunho dos métodos e concepções pedagógicas de um determinado período, e também, da própria ideologia moral e política social, possibilitando aos historiadores da Educação, as análises mais ricas a respeito dos discursos educacionais, revelando-nos, ainda, como que estes eram recebidos e debatidos na esfera pública, ou seja, qual era a sua ressonância no contexto social.

⁴Tobias (1986) faz interessantes considerações sobre as expressões Históricas da Educação no Brasil e História da Educação Brasileira, afirmando as duas expressões como sinônimos. O autor chama a atenção para a posição, segundo a qual, a educação que aqui se ministrava, por muito tempo, era portuguesa ou luso-brasileira, e não brasileira.

⁵TEIXEIRA, Eliene Marta. **Perspectivas históricas da educação**. São Paulo: Ática, 1986, p.54.

⁶ Em relação às mudanças que ocorreram neste período é sugestiva as análises realizadas por Fernando de Azevedo em **A Cultura Brasileira**, São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1961; mais especificamente a parte intitulada *A transmissão da Cultura*.

Imprensa e Educação

As experiências no campo da pesquisa em História da Educação, possibilitam descortinar um novo mundo, mais rico em detalhes e mais dinâmico nas relações sociais, principalmente, se seguirmos a trajetória educacional brasileira, em suas especificidades regionais e locais. Pensar, então, o problema educacional no Brasil significa compreender as relações existentes entre o macro e o micro, isto é, entre o nacional e o local, fazendo emergir um processo de inovação no campo da historiografia ligada a História da Educação.

Neste sentido, há várias formas de se pensar a história dentro de condições particulares e específicas, com as suas múltiplas atividades: política, econômica, social, cultural, religiosa e literária; que compõem o espaço onde homens e mulheres vivem situações sociais reais, com necessidades e interesses diferenciados. Assim:

“Imaginamos que a história é a experiência humana e que esta experiência, por ser contraditória, não tem um sentido único, homogêneo, linear, nem um único significado. Desta forma, fazer história como conhecimento e como vivência é recuperar a ação dos diferentes grupos que nela atuam, procurando entender por que o processo tomou um dado rumo e não outro; significa resgatar as injunções que permitiram a concretização de uma possibilidade e não de outras.”⁷

Deste modo, cabe ao historiador promover uma aglutinação dos fatos que ele localizou, procurando retirar desse seu caleidoscópio uma dada racionalidade, visando identificar, na medida do possível, as diferentes histórias que compõem o todo histórico, com o objetivo de construir uma História menos excludente. Nesta perspectiva, percebe-se que a imprensa se transformou em objeto de referência para apreensão e compreensão do processo histórico-educacional, a partir do qual emergiu novas interpretações que edificaram outras concepções de educação na região do Triângulo Mineiro, nos possibilitando, ainda, visualizar horizontes mais diversificados, como também múltiplas aproximações em relação a essas questões ligadas ao campo educacional.⁸

⁷ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. **A Pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 1995, p.11.

⁸ Merece destaque os seguintes trabalhos que versam sobre as pesquisas de educação na imprensa: Denice Bárbara Catani e Maria Helena Camara Bastos (Org.), **Educação em Revista: A imprensa periódica e a História da Educação**. São Paulo: Escrituras, 1997; Denice Bárbara Catani, “A Imprensa Periódica Educacional: as Revistas de Ensino e o Estudo do Campo Educacional”, **Educação e Filosofia**, Uberlândia, MG, 10 (20): 115-130, jul/dez 1996; o número 65 (150) da **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos - RBEP**, Brasília, maio/ago 1984, com diversos trabalhos sobre o tema; Raquel Gandini, **Intelectuais, Estado e Educação: Revista**

Neste sentido, a pesquisa educacional na imprensa avançou muito no Brasil nos noventa, em virtude de descortinar um novo corpus documental, tão importante quanto as pesquisas ligadas à história das instituições escolares.⁹ Maria Helena Camara Bastos, corrobora com suas reflexões sobre a importância da imprensa, enquanto fonte documental para a compreensão da história da educação brasileira.

“A imprensa pedagógica – instrumento privilegiado para construção do conhecimento, constitui-se em um guia prático do cotidiano educacional e escolar, permitindo ao pesquisador estudar o pensamento pedagógico de um determinado setor ou grupo social, a partir da análise do discurso veiculado e a ressonância dos temas debatidos, dentro e fora do universo escolar. Prescrevendo determinadas práticas, valores e normas de conduta, construindo e elaborando representações do social, a imprensa pedagógica afigura-se como fonte por professores para professores, feita para alunos por seus pares ou professores, feita pelo Estado ou outra instituição como sindicatos, partido, Associação e Igrejas. Sua análise possibilita avaliar a política das organizações, as preocupações sociais, os antagonismos e as filiações ideológicas, as práticas educativas e escolares..”¹⁰

Entre as novas propostas para se estudar a História da Educação no país, merece destaque as pesquisas da professora Denice Barbara Catani, que vem realizando estudos ligados a periódicos voltados ao campo educacional, considerando essa imprensa um espaço privilegiado para interpretar as inúmeras correntes do pensamento pedagógico no Brasil. Sobre a importância dessa imprensa, Catani nos diz que:

“De fato, as revistas especializadas em educação, no Brasil e em outros países, de modo geral, constituem uma instância privilegiada para a apreensão dos modos de funcionamento do campo educacional enquanto fazem circular informações sobre o trabalho pedagógico e o aperfeiçoamento das práticas docentes, o ensino específico das disciplinas, a organização dos sistemas, as reivindicações da categoria do magistério e outros temas que emergem do espaço profissional. Por outro lado, acompanhar o aparecimento e o ciclo de vida dessas revistas permite conhecer as lutas por legitimidade, que se travam no campo educacional. É possível analisar a participação dos agentes produtores do periódico na organização do sistema de ensino e na elaboração dos discursos que visam a instaurar as práticas exemplares”¹¹

Brasileira de Estudos Pedagógicos, 1944-1952, Campinas: Unicamp, 1995; e José Carlos S. Araujo, Wenceslau Gonçalves Neto, Geraldo Inácio Filho e Décio Gatti Júnior, “Educação, Imprensa e Sociedade no Triângulo Mineiro: A Revista **A Escola**, 1920-1921”, **História da Educação**, Pelotas (RS), 2 (3): 59-93, abr. 1998.

⁹ Ester BUFFA e Paolo NOSELLA. **Schola Mater**: A Antiga Escola Normal de São Carlos - 1911-1933. São Carlos (SP): EDUFSCar, 1996; dos mesmos autores, **Industrialização e educação**: a Escola Profissional de São Carlos, 1932-1971. São Carlos (SP), UFSCar, 1996.

¹⁰ BASTOS, Maria Helena Camara. Apendice- A Imprensa Periódica Educacional no Brasil: de 1808 a 1944. In: **Educação em Revista – A imprensa Periódica e a História da Educação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

¹¹ “A Imprensa Periódica Educacional: As Revistas de Ensino e o Estudo do Campo Educacional”, op. Cit., p. 117.

Assim, as especificidades do discurso educacional podem ser capitadas através da análise de alguns periódicos e jornais, que tivemos acesso, junto ao Arquivo Público Municipal de Uberlândia, dentre os quais decidimos destacar os seguintes jornais, que julgamos significativos para o nosso estudo: *Escola Pública, do professor Honório Guimarães; O Progresso; O Estado de Goyaz e Correio de Uberlândia*.

Os Discursos Educacionais na Imprensa Uberlandense

A nossa preocupação, a partir desse momento, é dar uma visão panorâmica em torno das discussões sobre educação em Uberlândia, buscando nos jornais as iniciativas locais no campo educacional e, através delas, identificar quais os objetivos que nortearam a produção desses discursos. Em uma primeira aproximação, analisaremos a tentativa de consolidar o ideal republicano na cidade. Já num segundo momento, faremos observações em torno das iniciativas para disseminar as idéias da Escola Nova. E por último, as propostas que discutiam a respeito da implantação no município de escolas profissionalizantes, como ainda as campanhas para erradicação do analfabetismo.

A imprensa registrou os principais pronunciamentos do professor Honório Guimarães, expressando a preocupação desse educador em relação a disseminação e consolidação do ideal republicano na cidade. Esta constatação pode ser confirmada através dos seus discursos, pois eles nos permitem desvelar e aquilatar a importância de se implantar no município uma escola pública, a qual deveria se constituir no principal foco de propagação do ideário republicano. Para alcançar este objetivo, Honório Guimarães desencadeou na imprensa uberlandense uma verdadeira campanha contra a interferência da Igreja Católica em assuntos educacionais, relçando o quanto seria importante o ensino ficar sob a tutela e administração do Estado Republicano, como bem pode ser percebido pela suas palavras.

“As funções do mestre e do padre se equiparam, embora diverso seja o fim a atingir, um de per si. Disse Passalaqua, o grande mestre, o padre Passalaqua, que o sacerdote deve sempre exercer as funções de preceptor. É naturalmente firmada neste thema pedagogico, que Egreja procura sempre fundar estabelecimentos de ensino religioso, pois ahi é que está o partido tirado por ella no bem que presta às sociedades. Eu falo no geral, não estou apoiando a accumulção de função de professor pelo padre ou outro sectario, mais ainda quando estamos em pleno regime de liberdade do pensamento. Eu

quero concluir que o professor é um sacerdote como o padre o é. A sua acção não deve se circunscrever à escola somente; deve ir mais longe, buscando aproveitar o prestígio de sua missão.”¹²

Por estas observações, pode-se perceber as principais preocupações do professor Honório Guimarães, de que a República, instrumentalizada pela educação, é o caminho para a sociedade atingir o seu mais alto grau de progresso, sendo que a instrução não mais seria de responsabilidade da Igreja Católica e sim do Estado.¹³ Em suma, o crescente distanciamento entre Igreja e Estado produziu o arrefecimento do poder político religioso, e a tendente secularização dos vários setores de poder, principalmente pela disseminação de idéias positivistas, que tiveram bastante força no país neste período. Exemplo inquestionável dessa influência é o dígito perpetuado na bandeira republicana: “**Ordem e Progresso**”, que se baseava na ideologia positivista da **Física Social** de Augusto Comte.¹⁴ A estática social representada pela idéia de estruturas social organizada, ordenada, e a dinâmica social através das mudanças que levariam a uma evolução ou progresso da sociedade, em direção a um contínua e constante aperfeiçoamento.

Tendo posições semelhantes às de Honório Guimarães, Joaquim Rios advoga em seus discursos em favor de uma sociedade que estivesse regida por um modelo educacional calcado na racionalidade e objetividade, com a finalidade de melhor adaptar os indivíduos as novas necessidades políticas, econômicas e sociais da época. O discurso educacional de Joaquim Rios demonstra que o seu pensamento se fundamentava-se na idéia da imutabilidade das leis sociais. A realidade social não sofreria mudanças, apenas evoluiria naturalmente, se tudo estivesse harmoniosamente organizado, caberia ao indivíduo, tão somente, adequar-se ao meio social. Essa concepção de sociedade, permite excluir da discussão desenvolvida por Rios, qualquer aspecto social conflitante. A educação é considerada um fato em si, desvinculada de qualquer outro setor social. Sua única função seria enquadrar os alunos à vida social, considerando-os como seres individualizados, desvinculados dos grupos sociais. Assim, o fracasso ou o sucesso do aluno dependia dele das suas tendências inatas, já que todos tenham

¹² **O Progresso**. Uberabinha, Anno IV, Nº 171, 28 de janeiro de 1911, p.2.

¹³ Com a queda do Império em 1889 e a consequente promulgação da primeira Constituição Republicana em 1891 o ensino perdeu, pelo menos no âmbito legal, o seu caráter confessional, ficando o mesmo laicizado.

¹⁴ Esta influência das idéias positivistas no Brasil, no início da República, pode ser estuda em Lins, I. **O positivismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1967 e na obra de Carvalho, J. M. **A formação de Almas**. Este último dedica um capítulo ao assunto, sob o título: “**Os positivistas e a manipulação do imaginário**” (pp. 129-140).

as mesmas condições educacionais, e só não obteria sucesso quem não respeitasse a suas inclinações naturais. Isto pode ser comprovado pelas suas palavras:

“O objeto da Pedagogia é criar o conjunto de princípios para a obra de adaptação do indivíduo ao meio humano. Esses princípios, é lógico, são encontrados nas ciências, que ensinam a conhecer a índole da criança e o ambiente físico em que tem de existir. Deve a Pedagogia inspirar-se em todas as ciências, notadamente na Psicologia. Analisando o problema educacional, enxergamos: a educação da criança, a sua natureza e a do meio, a ação do mestre e o fim da educação. Concluiremos; pois, que é a índole do educando e a natureza do ambiente, onde ele vai ter ação, que se deve tomar como base para o êxito, cujo fim é único a adaptação. É de caráter psíquico, a adaptação; portanto, é a essa natureza que se determinam os processos para conseguir a adaptação. A natureza moral, psíquica, deve ser objeto de acurado estudo do pedagogo. Desdobrando-se o meio ambiente, encontrâmos o meio físico e social. Sem desconhecermos a grande importância do meio físico, queremos dizer que o essencial é o pleno conhecimento do meio social. Este é oriundo das consciências individuais, portanto da vida psíquica. Eis o endosso á nossa assertiva, quando asseveramos ser de caráter psíquico a adaptação. É a psicologia, das ciências, a principal fonte para o estudo de moral da vida em meio social. Devemos concluir que o estudo da Pedagogia deve ser precedido do estudo de todas as atividades da consciência.”¹⁵

Constata-se, assim, que a Pedagogia é considerada canal para o esclarecimento racional do indivíduo e instrumento metódico para se educar. A educação é encarada como sendo a promotora da adaptação à sociedade. Baseado nisso, Rios considera como objeto da Pedagogia a natureza da criança e a própria natureza do meio, onde a ação do mestre e a finalidade da educação é adaptar os indivíduos a nova realidade social.

Deste modo, o seu discurso vinha de encontro a necessidade das elites locais de organizar a cidade de Uberlândia, dentro dos de urbanidade e civilidade, pois a sociedade evoluiria naturalmente e a cidade acompanhar essa evolução, enquadrando-se às novas exigências econômicas e condições sociais, em decorrência do crescente processo de urbanização vivenciado pelo país. E a educação foi utilizada como instrumento para se promover esse ajustamento social.

Nos jornais de Uberlândia há também um forte apelo à criação de escolas profissionalizantes, no intuito de se promover uma instrução técnica objetivando a aceleração do desenvolvimento industrial do município, já que a sociedade uberlandense não dispunha de uma mão-de-obra preparada para atender esta necessidade. Assim, em editorial publicado em 01 de dezembro de 1941, pelo jornal *O Estado de Goiaz*, podemos observar que:

¹⁵ RIOS, Joaquim. Pedagogia III, **O Estado de Goiaz**, nº 710, ano 1941, pg.02.

“O nosso desenvolvimento industrial ressentia-se da falta de quadros e de operários especializados. Com a guerra as nossas indústrias têxteis tomaram um incremento extraordinário. Só não é possível maior aumento ainda na produção, por falta de operários especializados no ramo. Aliás, os nossos operários não têm um curso profissional e já bastante reclamado em nosso desenvolvimento econômico industrial de certa importância. A construção pelo governo federal de um estabelecimento de ensino profissional em Uberlândia, a exemplo do que fez em Goiânia, medida elementar de administração racionalizada. Dizemos Uberlândia, não por bairrismo, por razões de ordem geográfico-econômicas. Pois a nossa cidade constitui o ponto de convergência de todo o oeste brasileiro. Por outro lado, Uberlândia (sic) ainda não mereceu do governo da união, nenhuma iniciativa capaz de ajudar-lhe o ritmo fulminante de seu progresso contínuo. Considerando o interesse patriótico da união no desenvolvimento do oeste, é de se estranhar a exclusão das iniciativas oficiais federais com relação a Uberlândia. Este assunto já foi por diversas vezes debatido em nossas colunas. O interesse despertado foi enorme, daí a razão de estarmos repisando nessa tecla. Razões de ordem cultural e econômica clamam por iniciativa com urgência. Daí então o nosso apelo ao patriótico governo de Getúlio Vargas por mais um passo na nossa marcha gloriosa de emancipação econômica do Brasil. A instrução profissional além de promover o desenvolvimento técnico de nossos operários, capacita-os a melhor poder aquisitivo, por lhes possibilitar meios de produção mais racionalizada. Com a nossa preocupação hoje é o desenvolvimento do mercado interno, não podemos esquecer o ensino profissional de nossos meios.”¹⁶

Ou seja, o processo de industrialização do país atingiria todos os seguimentos da atividade humana e Uberlândia não possuía operários preparados tecnicamente, trazendo uma preocupação aos setores dominantes da cidade, pois esta carência de mão de obra técnica retardaria o progresso uberlandense, colocando a cidade à margem do desenvolvimento industrial de outros municípios. Pode-se constatar ainda, que o discurso veiculado, pelo editorial, a respeito da criação da escola profissionalizante, estava condizente com as diretrizes gerais do plano nacional de reconstrução educacional proposto pelo *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, o qual preconizava que as escolas de formação profissional seriam a mola propulsora para solucionar os problemas educacionais das massas rurais e dos trabalhadores dos centros industriais, rompendo com aquela formação excessivamente literária, oferecendo um ensino de caráter técnico-científico, pois estaria acessível aos cidadãos que se encontravam em condições de inferioridade econômica. Esta visão, da escola como redentora da sociedade, é a característica marcante dos pioneiros. Segundo eles:

¹⁶ Uberlândia, *O Estado de Goiaz*, ano 9, nº 717, de 01 de dezembro de 1941, p.01. Cabe salientar que dentre os jornais consultados sobre o tema educação citamos alguns onde poderão ser encontrados artigos, notas editoriais e outros, são eles *A Pena* (1932-1935); *O Estado de Goiaz* (1936-1941); *Jornal de Uberlândia* (1935-1937).

“A educação nova, alargando a sua finalidade para além dos limites das classes, assume, com uma feição mais humana para além das classes, assume, com uma feição mais humana, a sua verdadeira função social, preparando-se para formar “a hierarchia democratica” pela “hierarquia das caácodades”, recrutadas em todos os grupos sociaes, a que se abrem as mesmas oportunidade de educação... A educação nova que, certamente pragmática, se propõe ao fim de servir não aos interesses de classes, mas aos interesses do individuo, e que se funda sobre o principio da vinculação da escola com o meio social, tem o seu ideal condicionado pela vida social actual, mais profundamente humano, de solidariedade, de serviço social e cooperação.”¹⁷

O objetivo de aperfeiçoamento do homem, dando-lhe uma formação para criar condições de desenvolvimento é encontrado também nos artigos que versam sobre as campanhas de alfabetização de adultos, no Brasil nos 40. Sua emergência com o campo específico diferenciado da educação elementar como, relaciona-se com os processos de industrialização e urbanização e com as exigências emergentes deste contexto. É neste período que, ocorre a realização do censo nacional, constatando-se a existência de 55% de analfabetos maiores de 18 anos.¹⁸ Este percentuais alarmaram as autoridades, tendo em vista o processo mundial de modernização e desenvolvimento industrial.

“Si é a inteligencia que dirige todos os atos do homem e da humanidade, dando a alfabetização a todos os brasileiros sem excepção, os habilitaremos a um completo aperfeiçoamento de is mesmos, desde que apenas possam ler todos os livros e todos os jornais, hoje encyclopedias de todos os conhecimentos uteis (...) A ignorancia do povo paralisa tudo no Brasil. Nem si diga que é devido ao clima, porque temos no Sul do pais quatro Estados com a area total de 820.000 quilometros quadrados, isto é, superior à area da Inglaterra e da Alemanha somadas, com clima Europeu.(...) Mas a questão é que temos no Brasil atualmente de 70 a 80% de iletrados, e logicamente uma população sem capacidade para a vida economia e civil. Mas si o cerebro do homem é perfeitamente identico em todas as raças do mundo, logicamente tudo depende de que ele seja dotado de todos os conhecimentos uteis, para cada um saber orientar e desenvolver amplamente sua aptidão na luta pela vida. Portanto, a alfabetização imediata do Brasil inteiro depende exclusivamente da imprensa, que, como outrora na Abolição, levante esse labaro sagrado e imponha a todas as 1.700 Municipalidades que decretem e executem essa extinção imediata do analfabetismo, o mais alto ideal nacional em toda a história do paiz.

¹⁷ GUIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. In: **História da Educação**, São Paulo: Cortez, 1994, pg. 59.

¹⁸ Cf. PAIVA, Vanilda. *Educação Popular e Educação de Adultos*. São Paulo: Loyola, 1983.

É significativo percebermos que as iniciativas oficiais de erradicação do analfabetismo, tanto no meio rural quanto no meio urbano, tinham como objetivos principais o alargamento da base eleitoral e o aumento da produtividade dessa população, de modo a integrá-la ao processo de desenvolvimento econômico. Neste aspecto, a educação de pessoas jovens e adultas se constituiu em meio de assegurar a estabilidade das instituições através da integração das massas marginalizadas ao processo político e um instrumento para a preservação da paz social, tendo na imprensa um elemento importante de propagação desse pensamento, conforme o próprio artigo insinuou.

Considerações Finais

Após os estudos realizados ao longo deste trabalho e das análises feitas anteriormente, que indicam os avanços conquistados em relação à imprensa, enquanto de objeto de análise histórica, pode-se afirmar, à guisa de considerações finais, que a imprensa é, provavelmente, o local que facilita um melhor conhecimento das realidades educativas, uma vez que aqui se manifestam, de um ou de outro modo, o conjunto dos problemas desta área. É difícil imaginar um meio mais útil para compreender as relações entre a teoria e a prática, entre os projetos e as realidades, entre a tradição e a inovação. São as características próprias da imprensa (a proximidade em relação ao acontecimento, o caráter fugaz e polêmico, a vontade de intervir na realidade) que lhe conferem este estatuto único e insubstituível como fonte para o estudo histórico. Foi tendo em mente estes pressupostos, que buscamos interpretar o discurso sobre a educação em Uberlândia, procurando elucidar as idéias educacionais veiculadas pela imprensa local, durante as primeiras cinco décadas deste século, momento no qual identificamos as principais publicações temáticas com as quais trabalhamos. Sabemos, no entanto, que uma pesquisa dessa natureza é apenas o início de uma longa e árdua caminhada, devendo ela ser trilhada por outros pesquisadores. Além do mais, percebemos a existência dessa lacuna em muitos trabalhos sobre a História da Educação no Brasil. Na seleção dos jornais, que integraram o presente estudo, estivemos sempre alertas às obscuridades, seguindo os rastros empoeirados desses documentos, sem deixar todavia, de observar as possíveis armadilhas que as intempéries e o uso incorreto de tais fontes podem trazer para o resgate da história.